

EM DIREÇÃO À VERDADE: A ILUMINAÇÃO COMO CAMINHO ESPIRITUAL NO PENSAMENTO DE SÃO BOAVENTURA

TOWARDS THE TRUTH: ENLIGHTENMENT AS A SPIRITUAL PATH IN THE THOUGHT OF SAINT BONAVENTURE

Uellinton Valentim Corsi¹
Mabi Moura²

RESUMO

O presente texto tem o intuito de explorar o conceito de iluminação como caminho espiritual no pensamento de São Boaventura (1221-1274), em destaque seu papel na condução da alma em direção à verdade última. O arcabouço teológico e filosófico de São Boaventura integra elementos neoplatônicos à doutrina cristã, apresentando a iluminação como um processo tanto epistemológico quanto místico. A partir de uma análise de aspectos centrais da obra *Itinerarium Mentis in Deum* (O Itinerário da Mente para Deus), examina-se como a ascensão à verdade divina se desdobra em etapas de purificação, contemplação e união com Deus. O estudo aborda a relação entre razão, fé e graça divina, argumentando que a doutrina da iluminação do pensador transcende uma epistemologia meramente racionalista, situando o conhecimento na experiência transformadora da luz divina. Os resultados visam evidenciar a relevância do pensamento de Boaventura para discussões contemporâneas sobre a integração entre fé e razão na busca pela verdade.

Palavras-chave: Filosofia Medieval; Escola franciscana; Iluminação divina; Conhecimento de Deus.

ABSTRACT

*This paper aims to explore the concept of illumination as a spiritual path in the thought of Saint Bonaventure (1221-1274), with particular emphasis on its role in guiding the soul toward ultimate truth. Bonaventure's theological and philosophical framework integrates neoplatonic elements into Christian doctrine, presenting illumination as both an epistemological and mystical process. Drawing on an analysis of central aspects of *Itinerarium mentis in Deum* (The Journey of the mind to God), the study examines how the ascent to divine truth unfolds through stages of purification, contemplation, and union with God. It also addresses the relationship between reason, faith, and divine grace, arguing that Bonaventure's doctrine of illumination transcends a merely rationalist epistemology by situating knowledge within the transformative experience of divine light. The findings seek to underscore the*

¹ Doutorando em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS/CAPES). Membro do Grupo de Trabalho (GT) “Filosofia na Idade Média”, cujas atividades estão vinculadas à Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia (ANPOF). Membro da Sociedade Brasileira para o Estudo de Filosofia Medieval (SBEFM). Membro Titular da Société Internationale pour l'Étude de la Philosophie Médiévale (SIEPM). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. E-mail: uellintoncorsi@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1358-5805>

² Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia - PUCRS/CAPES. E-mail: mabi.moura@edu.pucrs.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-8131-493X>

relevance of Bonaventure's thought for contemporary discussions on the integration of faith and reason in the pursuit of truth.

Keywords: Medieval Philosophy; Franciscan School; Divine Illumination; Knowledge of God.

INTRODUÇÃO

A investigação e busca pela verdade sempre envolveu os pensadores tendo ocupado um lugar central na Filosofia e na Teologia ocidentais. No pensamento de São Boaventura (1221-1274)³, essa busca não se limitaria a uma tarefa estritamente de cunho intelectual, porém se configura como um itinerário espiritual ao qual a mente humana é norteada pelo conhecimento, nutrida pela luz divina e segue em direção à compreensão suprema de Deus.

Enquadrado na Escolástica durante a Idade Média, Boaventura cinge elaborar uma prolífica síntese entre a tradição filosófica neoplatônica, o pensamento agostiniano e a espiritualidade franciscana, exteriorizando a iluminação como o fundamento da experiência humana sobre a verdade.

Para Boaventura, a verdade não provém que seja em sentido afunilado, ou seja, um conceito em abstração. Doravante, para o pensador, verdade seria a própria realidade de Deus, considerando que se revela à mente humana por meio da criação, da interioridade e da graça divina (Merino, 1993, p. 34). Em certa medida a perspectiva mencionada até aqui, detalhadamente, é desenvolvida por São Boaventura em sua obra, *Itinerarium Mentis in Deum* (O Itinerário da Mente para Deus), onde o pensador pormenoriza o processo de ascensão espiritual em seis etapas.

No percurso percorrido pelo Doutor Seráfico, observaremos a forma com a qual a alma transita do mundo sensível ao mundo do intelecto, visando alcançar a união mística com Deus, fonte inesgotável e plena de toda verdade. Boaventura, em cada estágio, discorre sobre a iluminação divina. Capacitando a mente humana a transcender as limitações do conhecimento natural e participando, dessa forma, da sabedoria eterna.

O conceito de iluminação articula uma relação indissociável entre razão e fé, na qual a razão, iluminada pela graça, pode reconhecer a verdade última. Ademais, esse modelo não somente transcende uma visão puramente racionalista ou empirista do conhecimento, como insere a busca pela verdade no âmbito da espiritualidade e da transformação moral. Para Boaventura, ir ao encontro do conhecimento da verdade seria, ao mesmo tempo, amar o bem e participar do amor divino, o que tornaria a iluminação não unicamente um processo cognitivo, mas um caminho de purificação.

Ao fazermos essa reflexão sobre a iluminação como caminho espiritual, percebemos implicações profundas não só para a teologia e filosofia no medievo, como também para o entendimento contemporâneo da integração entre razão e fé, ciência e espiritualidade. Ao compreendermos o pensamento de São Boaventura, percebemos que o pensador nos oferta um modelo no qual a busca pelo conhecimento é inseparável da experiência do transcendente, e, ainda, ele propõe um olhar que integra e alvítra harmonia sobre a busca do homem em seu caminhar à verdade. A proposta deste artigo é investigar essa

³ Conforme explica Luiz Alberto de Boni “até a pouco se tomava como data de seu nascimento o ano de 1221” (De Boni, L. A. **Boaventura: filósofo, teólogo e místico**. Porto Alegre: Editora Fí, 2016, p. 17).

temática, destacando como a iluminação é anunciada pelo Doutor Seráfico como um caminho de ascensão espiritual consumado na união com a verdade.

1 FUNDAMENTOS DO PENSAMENTO DE SÃO BOAVENTURA

Ao entrar em contato com o pensamento bonaventuriano, podemos perceber que Boaventura não é, simplesmente, uma simbiose de outras doutrinas. Tampouco é um pensador sem uma identidade filosófico-teológica. Há, em seu pensamento, traços genuínos de um intelectual do seu tempo. É preciso compreender Boaventura como Boaventura, não a partir de correntes neoplatônicas ou aristotélicas (De Boni, 2016, p. 27).

Existe, com certeza, muito a ser pesquisado nas obras do autor para ter uma visão macro de textos utilizados pelos pensadores medievais. “Contudo, se tomarmos os índices das obras de Boaventura, Alberto Magno, Tomás de Aquino, Scotus, Ockham e outros, atualmente editados, constataremos que os autores citados não são muitos” (De Boni, 2016, p. 27). Na Escolástica, o texto fundamental de aprendizado eram as Sagradas Escrituras, lida e estudada dentro do seu próprio contexto, “sua autoridade explicitava-se através daqueles homens da Igreja que, comungando da fé cristã, brilharam por sua ciência e piedade” (De Boni, 2016, p. 28).

Santo Agostinho foi uma das principais fontes durante a Idade Média. A profundidade de seu pensamento, a ardorosa e intensa fé e a grandeza de sua vida o consagraram como uma figura central nas Escolas, Universidades, no governo da Igreja e na Teologia Mística. Sua vasta obra, enriquecida, ainda, por alguns textos apócrifos, era amplamente conhecida e consultada. Seu nome, porém, não se associa a nenhuma Escola específica, tampouco a alguma corrente filosófica particular.

Com uma síntese de elementos platônicos, plotinianos e estoicos, mas infundido por uma vivência profundamente evangélica, o pensamento de Agostinho era considerado um bem comum, ao qual todos tinham acesso. Era um manancial generoso, cujas águas fluíam por diversos canais, servindo de pano de fundo para a formulação espontânea do discurso intelectual (De Boni, 2016, p. 29), conforme assegura De Boni (2016, p. 29):

Neste sentido, todos os medievais foram agostinianos. Após 1270 é que se tentou encampar o nome do grande bispo, acentuando-lhe teses neoplatônicas, para torná-lo patrono da escola conservadora, alarmada com as inovações do pensamento e a leitura árabe de Aristóteles. Mas as diversas correntes continuaram apelando para ele, tal como, séculos após, haveriam de fazê-lo os reformadores e os padres do Concílio de Trento.

Trazendo destaque para a afinidade entre Boaventura e Agostinho de Hipona, é possível destacar ambos como pensadores cuja visão cristã de mundo se baseia em uma integração profunda entre o conhecimento e a vida espiritual. Para eles, a unidade prevalece sobre a distinção: o saber, a existência e o universo estão interligados de maneira harmônica e simbólica, refletindo uma visão mística do mundo que transcende a mera análise ou separação das coisas.

Essa abordagem contrasta com a de Tomás de Aquino, que privilegia uma análise metódica e detalhada, mas resultante em um texto considerado menos envolvente e inspirador. Ao passo que Boaventura e Agostinho empregam uma linguagem mais sensível. A filosofia de ambos se interessa tanto pelo mundo exterior (a realidade física e empírica), em menor escala, mas joga força pelo conhecimento do mundo interior, o que está “dentro” (a alma, o espírito e as relações simbólicas entre as coisas). Permeia a ideia de que os seres não são compreendidos em sua autonomia ou isolamento, mas como partes interconectadas de uma grande ordem cósmica.

As “coisas” não existem isoladamente, mas em relações recíprocas. Essa visão enfatiza a interdependência e a analogia entre os elementos da criação, em oposição à busca exagerada por distinções e causas individuais, que poderia fragmentar e distorcer a realidade maior. Ou seja, Boaventura e Agostinho compartilham uma abordagem integradora, mística e simbólica do saber, em oposição à análise rigorosa e mais “racionalista” de Tomás de Aquino, que foca na separação e distinção dos elementos do conhecimento. Grover (2019, p. 194) afirma que:

A influência de Agostinho sobre Boaventura pode ser observada segundo duas perspectivas: 1) como dominante força modeladora no “patrimônio” herdado da reflexão teológica e dos comentários bíblicos anteriores, que chegam a Boaventura por seus estudos e deveres de mestre de teologia; e 2) como parte da reação (em geral franciscana) contra a aparição da filosofia aristotélica como “fonte de autoridade” no discurso teológico do século XIII. Discípulo de Alexandre de Hales e João de La Rochelle, Boaventura foi instruído por homens profundamente marcados por uma visão agostiniana.

Podemos destacar que o pensamento de Boaventura foi profundamente influenciado por Agostinho de Hipona em várias áreas centrais da Filosofia e Teologia. Por ordem, na doutrina da exemplariedade, Boaventura adota a ideia agostiniana de que Deus é o modelo perfeito de todas as coisas, sendo o “exemplar” a partir do qual toda a criação é derivada. Na compreensão da natureza humana, ambos enfatizam a centralidade da alma e sua relação com Deus. No campo da epistemologia, Boaventura herda de Agostinho o conceito de iluminação divina, segundo o qual todo conhecimento verdadeiro vem da luz de Deus, que ilumina a mente humana. Além disso, a ideia das razões seminais, usada para explicar como seres individuais surgem a partir do plano divino, é outra influência direta (Grover, 2019, p. 194).

Devemos apontar que Boaventura compartilha com Agostinho uma “orientação” ou “perspectiva agostiniana”, especialmente no equilíbrio entre fé e razão. Para os autores, a fé é o ponto de partida, mas deve-se buscar a compreensão, criando uma dialética entre fé e intelecto. Outro aspecto essencial é o método da interiorização e experiência estática. De certo modo, tanto Agostinho como Boaventura acreditam que a “alma” deve se voltar para dentro de si mesma, em um processo de ascensão espiritual, para alcançar a compreensão da presença divina.

Conforme indaga Grover (2019, p. 194), o pensamento de Boaventura foi fortemente influenciado por Agostinho, especialmente em sua doutrina da exemplariedade, em sua compreensão da natureza humana, em seu uso do conceito de iluminação divina e em sua teoria das razões seminais. É interessante perceber como o Doutor Seráfico também trabalha a dialética da fé e do intelecto, na qual o detentor da fé busca a compreensão das verdades cridas.

2 A TEORIA DA ILUMINAÇÃO BONAVENTURIANA

Muito embora existam divergências entre os defensores da teoria da iluminação, a essência comum dessa doutrina é a ideia de um concurso especial de Deus (De Boni, 2000, p. 323). Isso é manifesto como uma luz divina que ilumina a mente humana, revelando a verdade e proporcionando uma certeza inquebrantável ao espírito. Caso realizemos uma análise sucinta do pensamento do Doutor Seráfico, notaremos que essa visão está alinhada com o ritmo de sua filosofia (De Boni, 2000, p. 323). Segundo ele, a iluminação é o processo em que Deus, como a origem da verdade, se manifesta na alma humana, com o propósito correto de conduzi-la à contemplação da verdade suprema.

São Boaventura adota a base agostiniana dessa teoria, ampliando-a dentro de sua visão franciscana, dando ênfase não somente ao aspecto cognitivo da iluminação, como também sua dimensão afetiva e espiritual (De Boni, 2000, p. 323), conforme De Boni (2000, p. 323):

Boaventura recebe de seus antecessores esta teoria e a reelabora, cioso em evitar qualquer forma de ontologismo. Conhecedor de teoria do conhecimento de Aristóteles, não ignora o caráter natural da certeza por parte tanto da sensibilidade como da inteligência, mas delimita-lhes o alcance, pois sem a influência da razão eterna, enquanto *ratio regulans et motiva*, não pode haver a certeza plena do conhecimento.

De acordo com De Boni (2000), a influência referida encontra-se ao nível de consciência. Dessa forma perceptível em reflexão pelo cognoscível, ao compreender que a ausência de iluminação divina seria impossível compreender o conhecimento fidedigno que o homem detém de si, do seu entorno e de Deus. Por causalidade, existe diretamente uma ação de Deus sobre a intelectualidade do homem. Ação esta não perceptível a não ser em momento de complexa reflexão. “Não se trata, pois, do auxílio geral de Deus a todo o ser criado, nem da graça da visão beatífica, mas de algo intermediário, não percebido de imediato, mas sem o que nenhuma certeza é possível” (De Boni, 2000, p. 323).

Na visão bonaventuriana, a luz divina não só ilumina o intelecto humano, mas o capacita a transcender o conhecimento meramente sensível e a alcançar a sabedoria eterna. Essa luz manifesta a verdade em diferentes níveis, desde as verdades sensíveis que refletem as “pegadas” de Deus na criação, até as verdades eternas que conduzem à união mística com o criador.

O concurso divino não se limita a um simples auxílio à razão; ele é uma participação contínua e ativa da alma na luz divina, o que não somente estabelece a certeza no intelecto, mas transforma profundamente o ser humano, unindo-o ao seu princípio e fim em Deus. Assim, a teoria da iluminação em Boaventura transcende a mera epistemologia e se torna um caminho espiritual em direção à plenitude do conhecimento e do amor divino, e a percebemos reforçada durante o caminhar do pensamento do Doutor da Igreja (De Boni, 2000, p. 323).

3 O ITINERARIUM

O pensamento de São Boaventura caracteriza-se por um espírito singular que reflete escolhas conscientes e orientadas para uma meta claramente definida: o amor a Deus. Os caminhos que conduzem a essa meta são os da Teologia, enquanto a Filosofia desempenha um papel auxiliar, contribuindo para a realização desse propósito maior.

Inspirado pelos passos de seus predecessores e pela adesão voluntária às doutrinas dos mestres, especialmente de Alexandre de Hales, a quem Boaventura se refere como seu “pai e mestre”, o Doutor Seráfico permanece fiel às tradições recebidas. Contudo, demonstra abertura ao acolhimento das novas doutrinas, sempre que estas contribuam para complementar e enriquecer os fundamentos das antigas. Assim, sua abordagem combina reverência pela tradição com uma receptividade prudente às inovações intelectuais que possam reforçar sua busca pelo conhecimento e amor divinos (Gilson, 2013, p. 540).

Entre “seus numerosos tratados e opúsculos como o *Itinerarium mentis in Deum*” (Gilson, 2013, p. 541), traz os argumentos. Gilson, baseado no pensamento bonaventuriano destaca que a alma humana possui uma orientação natural em direção ao bem infinito, que é Deus, encontrando nele o repouso e a plenitude. Esse bem supremo, para o qual a alma tende, é parcialmente conhecido no presente por meio da fé. Embora esse conhecimento seja imperfeito, ele é profundamente seguro e proporciona uma convicção inabalável, superior àquela oriunda do saber filosófico. Nesse contexto, ressalta que o filósofo, ao lidar com o que conhece, possui menos certeza do que o fiel tem em relação àquilo que crê (Gilson, 2013, p. 541).

Entretanto, o fundamento da especulação filosófica é a própria verdade revelada, que se apresenta como fonte e inspiração. Nos casos nos quais a razão humana é suficiente para alcançar a verdade, não haveria necessidade de fé. No entanto, a fé geralmente se refere a realidades que transcendem a capacidade racional humana de apreensão completa. Assim, o ato de fé não é conduzido exclusivamente pela razão, mas pelo amor ao objeto da crença.

Esse amor, por sua vez, desperta no crente o desejo de compreender o que ama, levando-o a buscar razões para fundamentar sua fé. Dessa forma, a filosofia surge como uma necessidade intrínseca do coração humano, que deseja aprofundar e fruir de maneira mais completa o objeto de sua fé. Ao estabelecer a relação complementar entre fé e razão, evidenciando que a Filosofia, longe de se opor à fé, é impulsionada por ela, ao atender à necessidade humana de compreender aquilo que é amado (Gilson, 2013, p. 541).

É evidente que a filosofia e a teologia, embora distintas em seus métodos, são complementares à medida que se estendem mutuamente na busca pela verdade última, conduzindo o homem a Deus. Nesse processo, a fé estabelece a meta a ser alcançada, enquanto o caminho a ser trilhado é iluminado pela razão. Dessa maneira, aquele que busca compreender aquilo em que crê percorre um caminho iluminativo, encontrando, em cada ato cognitivo e percepção, a presença de Deus oculta na realidade (Gilson, 2013, p. 541-542).

Trazendo clareza para essa condição que coaduna, como se refere Gilson, Filosofia e Teologia, mostrando em questão de metodologia suas diferenças, em certa medida, atuam como dois guias que orientam a alma humana em sua jornada para Deus. A Filosofia, ao iluminar a razão, ajuda a trilhar o caminho, enquanto a Teologia, fundamentada na fé, estabelece o destino dessa jornada, ou seja, a

união plena com a verdade. Este percurso, denominado caminho iluminativo, consiste em crer e buscar compreender aquilo que se crê, permitindo ao indivíduo, em cada ato de conhecimento e percepção, encontrar a presença de Deus, oculta nas profundezas da criação.

Para São Boaventura, esse passo configura-se como um verdadeiro “itinerário da alma até Deus”. A criação não seria um obstáculo em si, mas imaginemos um reflexo visível e palpável do divino. Cada elemento que compõe o universo é portador de um significado sagrado e faz o convite ao homem à contemplação e condição de um “elevar” em sentido espiritual. Dessa forma, o Doutor Seráfico demonstra como a vida é entendida: uma peregrinação em direção a Deus. Em seu pensamento, toda a realidade criada é impregnada pela presença divina, e sua filosofia nos revela um cosmos onde cada objeto aponta para Deus, transformando o conhecimento do mundo em uma oportunidade real de comunhão (Gilson, 2013, p. 541-542).

Ao falarmos de itinerário, vem do latim *iter*, *itineris*, indica caminho, trajeto, viagem (Mannes, 2002, p. 25). Para constar, Boaventura ao referir-se ao termo itinerário indica “uma experiência humana bem determinada e concreta”. Conforme Mannes (2002, p. 26), o ato de existir, no pensamento bonaventuriano, é colocar-se em uma dinâmica de busca de um ideal, ou a construção de um projeto de vida. Há dois movimentos pertencentes àqueles que existem: exteriorização e interiorização. Esses movimentos são recíprocos e complementares.

É preciso sair de si, abrir-se para o outro, que é novo, libertar-se de todas as amarras advindas do exterior, sejam elas reais ou mentais. A partir desse movimento é que se conquista a própria interioridade. Eis o grande paradoxo da mística, “ninguém pode penetrar no mais íntimo de seu ser e passar dele a Deus, se não for capaz de sair inteiramente de si mesmo e dar-se aos outros na pureza de um amor que não segue a vontade própria” (Mannes, 2002, p. 26).

A existência humana não é algo estático ou meramente ofertado, considera-se que seja sim um processo dinâmico, por existir um contínuo esforço de autocriação. O ser humano é chamado a ser um colaborador em atividade na construção de si mesmo, participando de uma incessante regeneração e geração de uma nova vida. Pode-se dizer que essa regeneração atinge com fluência os recomeços tão necessários em nossa existência. Nesse sentido, viver é muito mais do que simplesmente ser. A vida segundo o Doutor Seráfico é um movimento constante de transformação interior e de abertura ao transcendente, que encontra seu ápice no itinerário para Deus (Mannes, 2002, p. 26).

Ademais, quando se fala na existência humana como um caminho para Deus, para a verdade, trata-se de um movimento profundo e intencional em que cada pessoa é convidada a penetrar no âmago de seu ser, no seu íntimo. Para Boaventura, esse itinerário espiritual implica um processo de imitação de Cristo, não unicamente como modelo de vida moral, mas como um caminho de configuração ao próprio Cristo.

É pela adesão ao Cristo, vivenciando suas atitudes, sofrimentos e amor pelos outros, que o ser humano se torna plenamente quem é chamado a ser. Essa visão está em harmonia com a abertura da Regra de Vida dos Frades Menores, escrita por São Francisco, que descreve o ideal de vida franciscana: viver em plenitude seguindo a vida e os ensinamentos das Sagradas Escrituras. Boaventura, como filósofo e teólogo franciscano, comprehende que essa plenitude não se resume a um cumprimento literal das Escrituras, mas é um chamado à vivência radical do Evangelho, como São Francisco fez. Isso significa um entregar-se a Deus, caracterizado pela simplicidade, pela humildade e por um amor livre de interesses (Mannes, 2002, p. 26).

O itinerário para Deus é, ao mesmo tempo, um movimento de descida e de subida. Ao descer, se tem o sentido de despojar-se de todo apego ao ego, a materialidade e às vontades próprias. Esse esvaziamento de si é o que permitiria a ascensão ao divino, à medida que medida em que o coração humano se abre para acolher a graça de Deus. Esse movimento também reflete a própria dinâmica da Encarnação: Jesus, ao descer à humanidade, nos revelou o caminho para subir a Deus. Portanto, Boaventura destaca que viver segundo o ideal de São Francisco não é exclusivamente um modo de viver, mas uma jornada espiritual de conformação ao Cristo legítimo em sua pobreza, humildade e amorosidade. Estar onde Deus habita, para que, imitando a Cristo, alcancemos a verdadeira plenitude da vida em comunhão com a verdade (Mannes, 2002, p. 26).

4 SOBRE A ESTRUTURA E A TEMÁTICA

Itinerarium Mentis in Deum, uma das obras mais emblemáticas de São Boaventura, é uma meditação espiritual que sintetiza o núcleo de seu pensamento teológico e filosófico. Escrita em 1259, durante um retiro no Monte Alverne, onde São Francisco de Assis teria recebido os estigmas, “foi então que Deus me inspirou retirar-me ao Monte Alverne, como a um lugar de repouso e com o desejo de degustar lá a paz do coração” (São Boaventura, 2012, p. 15).

A obra reflete profunda inspiração mística do pensador. Sua estrutura em forma de um guia para a ascensão espiritual, busca conduzir quem a lê a uma comunhão íntima com Deus, integrando elementos da Teologia, da Filosofia Escolástica e da Mística Franciscana. A obra é composta por sete capítulos⁴, sendo o primeiro uma introdução que apresenta o propósito e o método de que forma se apresenta essa caminhada de espiritualidade. Os seis capítulos subsequentes descrevem as etapas dessa ascensão, em um itinerário que parte do mundo criado e finda na união mística com Deus (Ghisalberti, 2012, p. 13).

Desse modo, Mannes (2002, p. 27) afirma que, “*Itinerarium mentis in Deum* é a peregrinação humana para Deus em seis degraus: a elevação a Deus por meio do universo; a contemplação de Deus nos seus vestígios impressos no mundo sensível.” Ele conceitua a contemplação de Deus como um ato reflexivo que se realiza mediante a impressa imagem divina nas potências da alma. Tal contemplação se desdobra em níveis progressivos: inicialmente, como a apreensão de Deus em sua própria imagem; subsequentemente, como a intuição da unidade divina, representada pelo nome primordial, o Ser; e, por fim, como a cognição da Santíssima Trindade. Quando atinge o ápice dessa ascensão espiritual, a alma alcança uma união hipostática com Deus, caracterizada pela disjunção do conflito, preservando-se a distinção ontológica entre Criador e criatura.

O Doutor Seráfico indica o caminho para Deus, porém este caminhar exige uma disposição interior adequada, marcada pela humildade, pela oração, “orando assim nosso espírito se ilumina para conhecer os diversos degraus de nossa elevação a Deus” (São Boaventura, 2012, p. 24). Boaventura enfatiza a importância de compreender que o conhecimento de Deus é um processo de transformação espiritual. O pensador aclara que a criação é um reflexo da bondade divina, funcionando tal qual um “espelho”:

⁴ Não se tem por objetivo no presente texto, adentrar com volúpia nos capítulos da obra citada de Boaventura, a intenção é fazer um arrazoado de ideias, a fim de entendimento do pensamento do Doutor Seráfico.

No espelho do mundo sensível podemos considerar a Deus de dois modos: ou elevando-nos a Ele por meio dos seres que compõe o universo e que são como vestígios do criador, ou contemplando-o existente nos mesmos seres pela essência, potência e pela sua presença (São Boaventura, 2012, p. 37).

No segundo capítulo, São Boaventura explora como os sentidos podem captar o caminhar de Deus no mundo físico. No terceiro capítulo, o foco desloca-se para a contemplação da ordem racional e da harmonia presentes na criação. Nos capítulos centrais, São Boaventura guia o leitor para uma introspeção profunda, buscando Deus na alma humana. O quarto capítulo trata da imagem divina refletida na mente do homem, enquanto o quinto explora a iluminação que ocorre quando a alma se volta para dentro e reconhece a presença de Deus em seu núcleo mais íntimo. A obra culmina nos dois últimos capítulos, onde o pensador descreve o ápice e objetivo da jornada: a união mística com Deus. No sexto capítulo, Boaventura aborda a contemplação de Deus como o Ser Supremo, cuja essência transcende todas as categorias humanas de compreensão. No sétimo, por fim, a alma atinge um estado de êxtase, no qual experimenta a presença divina de forma direta e transformadora (Mannes, 2002, p. 27-36).

A leitura é sensível, subjetiva. Podemos perceber em sua centralidade que a doutrina da iluminação permeia toda a obra, destacando-se como o princípio epistemológico e espiritual fundamental. Para São Boaventura, o conhecimento verdadeiro só pode ser alcançado mediante a luz divina, que capacita a mente humana a transcender o sensível e alcançar o espiritual. Percebemos fortemente a combinação de elementos neoplatônicos, agostinianos e fortemente cristãos. O Doutor Seráfico articula, engenhosamente, um itinerário que é, ao mesmo tempo, racional e experiencial, unindo a lógica escolástica juntamente com a espiritualidade franciscana (Mannes, 2002, p. 27-36).

A influência de São Francisco de Assis (1182-1226) é um elemento central no pensamento de São Boaventura, permeando toda a sua obra e conferindo-lhe uma dimensão singular. O *Itinerarium mentis in Deum*, em particular, está profundamente penetrado do espirito franciscano, caracterizado pela simplicidade, pela humildade e pela reverência pela criação como reflexo da bondade divina.

São Francisco, com sua vida marcada por uma comunhão profunda e mística com Deus, torna-se o modelo do itinerário espiritual proposto por Boaventura, no qual a alma, em sua ascensão a Deus, é chamada a imitar o Cristo pobre e crucificado. Para Boaventura, a espiritualidade de São Francisco representa uma via mística de acesso a Deus que integra o amor pela criação, a contemplação e a transformação interior (Mannes, 2002, p. 27-36).

Na experiência filosófica e teológica descrita em *Itinerarium mentis in Deum* (O Itinerário da mente para Deus), a meta do caminho coincide plenamente com seu ponto de partida. Isso ocorre, porque o itinerário da mente se fundamenta, desde o início, na presença em Deus.

É essa realidade que possibilita ao ser humano buscar a Deus e, simultaneamente, buscar realizar aquilo que já é em Deus. Deus é a fonte originária de onde tudo procede e para onde tudo converge; é a misteriosa realidade na qual sempre existimos, para a qual jamais nos dirigimos no sentido pleno e da qual nunca nos afastamos completamente. Assim, a busca por um sentido de ser em Deus é uma jornada que se realiza na condição paradoxal de já estar e de já participar da trilha divina desde o princípio (Mannes, 2002, p. 37).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *Itinerário da mente para Deus*, como descrito por São Boaventura, não é simplesmente um exercício teológico ou filosófico, mas uma experiência com profundidade existencial que ressoa com o anseio mais íntimo da alma humana: o desejo de plenitude. Nesse itinerário, a alma não caminha sozinha, é conduzida pela luz divina que ilumina, transforma e desperta a percepção de que Deus está em cada passo dado em direção à verdade.

Essa percepção traz um sentimento de pertencimento e de unidade que transcende a fragmentação da existência humana. Buscar a Deus é, paradoxalmente, redescobrir aquilo já inscrito em nós desde o início, uma marca divina que nos chama de volta ao lar, à comunhão com o amor e com a verdade. Nesse processo, o mundo deixa de ser um obstáculo e torna-se um espelho da bondade de Deus. Enquanto a própria vida humana é reconhecida como uma peregrinação sagrada, em que cada ato de amor, contemplação ou aprendizado nos aproxima da verdade.

Dessa forma, o itinerário espiritual bonaventuriano é um caminhar que convida a voltar para dentro de si. Ensimesmados, cá estamos no lugar onde o humano e o divino se encontram, onde o finito toca o infinito. Essa experiência, ao fim, é o que confere sentido à existência e preenche o coração humano com a paz que só pode ser encontrada naquele que é, ao mesmo tempo, o princípio e o fim de todas as coisas.

O pensamento do Doutor Seráfico, especialmente articulado em sua obra *Itinerário da mente para Deus*, oferece uma visão uníssona da relação entre o ser humano e Deus, onde a busca pela verdade e a experiência espiritual são inseparáveis. Deus se apresenta simultaneamente como o princípio e o fim de toda existência, sendo a fonte originária de onde tudo provém e o destino para o qual tudo se orienta. Essa perspectiva evidencia um paradoxo essencial: *a jornada espiritual não é um movimento de afastamento em busca de algo exterior, mas a realização daquilo que já está presente desde o princípio*, o ser humano está em Deus e, ao mesmo tempo, é chamado a buscá-lo e a aprofundar essa comunhão.

O conceito de iluminação é central nesse processo por refletir a ação contínua da luz divina que permite à mente humana transcender suas limitações naturais e alcançar a verdade última. Influenciado por Santo Agostinho e pelo neoplatonismo, Boaventura enfatiza que o conhecimento verdadeiro é uma experiência e transformação, vinculada ao amor e à conformidade com Deus. Ademais, nesse contexto, a razão e a fé não são elementos antagônicos, mas complementares, já que a razão, iluminada pela graça, consegue participar da sabedoria eterna.

A espiritualidade franciscana, marcada pela simplicidade, pela reverência à criação e pelo amor a Deus, alicerça toda a visão de Boaventura. São Francisco de Assis, com sua comunhão mística com Deus e seu exemplo de vida, é apresentado como o modelo em perfeição nesse itinerário espiritual. Para o pensador, a criação é um reflexo da bondade de Deus, uma manifestação das “pegadas” divinas que guiam a mente em sua ascensão.

Em última análise, essa experiência de religiosidade proposta por São Boaventura não seria somente um movimento em direção a Deus, mas um reconhecimento da presença divina que sustenta toda a realidade e que já está profundamente inscrita no ser humano. O Itinerário da mente para Deus apresenta um chamado à contemplação, à transformação e à união mística com Deus, que finda na compreensão de que a busca pela verdade é, ao mesmo tempo, um retorno à origem e uma realização plena do destino humano.

REFERÊNCIAS

- BOEHNER, P.; GILSON, E. **História da Filosofia Cristã**. Tradução: Raimundo Vier. Petrópolis: Vozes, 2000.
- DE BONI, L. A. **Boaventura: filósofo, teólogo e místico**. Porto Alegre: Editora Fí, 2016.
- DE BONI, L. A. **A escola franciscana: de Boaventura a Ockham**. Veritas (Porto Alegre), [S. l.], v. 45, n. 3, p. 317-338, 2000. DOI: 10.15448/1984-6746.2000.3.35070. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/article/view/35070>. Acesso em: 10 dez. 2024.
- FITZGERALD, A. **Agostinho através dos tempos: uma enciclopédia**. Tradução: Cristiane Negreiros Abbud Ayoub. São Paulo: Paulus, 2019.
- GHISALBERTI, Alessandro. Prefácio *Itinerarium mentis in Deus* de Boaventura de Bagnoregio. In: São Boaventura. **Itinerário da mente para Deus**. Tradução: Luis Alberto De Boni. Petrópolis: Vozes, 2012.
- GILSON, É. **A filosofia na Idade Média**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- MANNES, J. **O transcendente imanente: a filosofia mística de São Boaventura**. Petrópolis: Vozes, 2002.
- MERINO, J. A. **Historia de la filosofia franciscana**. Madrid: BAC, 1993.
- SÃO BOAVENTURA. **Itinerário da mente para Deus**. Tradução: Luis Alberto De Boni. Petrópolis : Vozes, 2012.